

História da música

➤ Fichamento do texto: “Raynor” (180-208)

Em fins do século XVI, a música polifônica passou a dividir o destaque com outros dois novos gêneros, a ópera, resultado da monodia dramática, e o concerto primitivo. O primeiro, tema desse capítulo, especula-se que surgiu na Itália, a partir de encontros dos “*Camerata*”, artistas, como Corsi, Peri e Caccini, que discutiam ideias com o conde Bardi, formando um clube notável. Suas primeiras obras foram compostas para uma só voz, acompanhada de um instrumento.

A ópera italiana era repleta de drama, o qual era enredado pela mitologia clássica (com foco no “amor”), mas também, baseada na psicologia dos “humores”, promovida pelos renascentistas e inspirada na doutrina musical barroca das “afeições”. Para compor no novo estilo, os artistas dispunham bem os versos e declamavam nitidamente as palavras, além de rejeitarem totalmente a polifonia, alcançando grandes sensações e criando o estilo recitativo essencial, que limitava o poder da música à serviço da palavra, porém, o casamento do texto e da música também foi possível e executado brilhantemente por grandes compositores das peças. Como exemplificações, o autor cita “*Euridice*” de Peri e “*Orfeu*” de Monteverdi, ambos italianos. Além disso, as óperas eram dívidas, principalmente, em recitativos, árias e intermezzo, sendo este último um contraste, geralmente alegre, intercalado ao drama.

O gênero era dividido entre público e palaciano, sendo o primeiro atraente por valorizar mais a música e os cantores, e mais lucrativo e econômico, pois a apresentação era paga e desprovida de grandes luxos. Já o segundo, era executado em grandes montagens, sendo essa a maior atração, além de exigir renomados artistas.

Apesar do entretenimento, ir à ópera não representava apenas um passatempo, mas também, uma obrigação social imposta pela alta classe, a qual adquiria camarotes fixos no teatro e frequentava-o para realizar negócios, jogar cartas e, principalmente, garantir a boa reputação. Por esse fato, a música não era “bem tratada” pelos ricos. Por outro lado, as performances realizadas para um público mais simples, desprovidos de conforto adicional, eram mais admiradas e “sérias”, por ser o único foco possível.

A ópera nasceu na Itália, sendo, inicialmente, mais presente em Veneza, Nápoles (capital da ópera cômica), Florença e Mântua, e posteriormente, foi disseminada para a França, Inglaterra e Viena, além de vários outros países. Com exceção da Inglaterra e da França, a ópera italiana permaneceu praticamente inalterada nos diversos países que atingiu.

Baseando-se nas “*maschereta*” carnavalescas da Itália, os franceses criaram poesias palacianas, enredadas pela mitologia, e aprimoraram o balé, compondo o “*ballet de cour*”, o qual consistia na mistura de danças (entradas) e versos cantados (recitativos), acompanhados de um coro e conjuntos instrumentais. Esse foi decisivo para a arte e o teatro na França. Com o novo estilo, os compositores almejavam a restauração das glórias da Antiguidade Clássica.

A partir das necessidades do novo gênero, como o estabelecimento de uma orquestra permanente, surgiram novos, sendo eles: o concerto grosso, a sinfonia e a abertura de ópera. Também, a supervalorização do cenário e da “realidade” do enredo, levaram a orquestra aos bastidores, a partir da criação do poço, e o aprimoramento das técnicas de construção do cenário, para que os equipamentos e armações fossem mascarados, dando à história maior credibilidade.

Por fim, o autor termina dizendo que as óperas públicas e palacianas caminharam juntas, não apenas por executarem as mesmas obras em diferentes espaços e montagens, mas também, pois as companhias de óperas precisavam de manutenção, as quais eram bancadas pela repercussão das execuções. Assim, a difusão do estilo foi acatada e apreciada de maneira universal.